

# HISTÓRIAS DE VIDA MARCADAS PELAS PEDRAS

*O ESPÍRITO SANTO É O MAIOR PRODUTOR  
BRASILEIRO DE ROCHAS, MAS TAMBÉM LIDERA  
EM NÚMERO DE ACIDENTES DE TRABALHO*

REPORTAGEM **PATRIK CAMPOREZ**  
pmacao@redgazeta.com.br

FOTOGRAFIA **MARCELO PREST**  
mprest@redgazeta.com.br

DIAGRAMAÇÃO **ADRIANA RIOS E EDSON DE MELO**

Cinco de outubro de 2006: Reginaldo Moura, então com 20 anos, trabalhava havia 60 dias em uma pedreira de exploração de granito em Barra de São Francisco, Noroeste do Espírito Santo. Era o seu primeiro emprego. Começa a chover, ele corre para se cobrir atrás de uma rocha, já que o local não tem abrigo, nem área de proteção. Mas, bastou alguns minutos de chuva para a pedra escorregar em cima do operário e de um colega, que morreram esmagados. Na comunidade de São Gabriel de Baunilha, em Colatina, outra vítima. Adriano de Souza foi atingido por uma máquina escavadeira no momento em que fazia a limpeza da praça de trabalho. Morreu no dia seguinte, 18 de fevereiro de 2013, com apenas 18 anos. Um ano antes, Gilson dos Santos Mariano, o Delo, 26 anos, também se acidentou. De acordo com a família, o operário, que trabalhava numa empresa de Cachoeiro de Itapemirim, no Sul, teve que realizar a função de outro profissional, sem ter capacitação. “Meu filho tomou um choque e, ao mesmo tempo, um parafuso entrou no pulmão. Caiu de uma altura de 10 metros e morreu em cinco minutos”, lembra, aos prantos, Dona Arlinda dos Santos Mariano, de 70 anos.

Colhidas nos grotões do Espírito Santo, as histórias de Reginaldo, Delo e Adriano misturam-se com as de outros 54 trabalhadores que morreram na atividade só nos últimos cinco anos. Nesse mesmo período, 1.602 acidentes foram registrados. Boa parte dos acidentados não conseguiu voltar a trabalhar devido à gravidade das sequelas. Mais da metade dos casos acontece dentro das pedreiras, na área de extração. Para termos uma ideia do risco, a taxa de letalidade da atividade é de 31 óbitos para cada mil acidentes. A média estadual nos demais segmentos é de 6 mortes. Os dados



“Perdi vários colegas, meu irmão quebrou a coluna cervical, e eu tive traumatismo craniano em pedreira. A pressão por produção faz a gente trabalhar além do limite humano”

—  
**ELIO DOS SANTOS 43 ANOS**

são do Ministério da Previdência e do Sindicato dos Trabalhadores do Mármore e Granito do Estado (Sindimármore).

Em busca das causas de tantas vítimas, A GAZETA percorreu estradas, comunidades e vilas que se formaram no entorno das pedreiras. Foram três meses de investigação e mais de 2 mil quilômetros rodados com o objetivo de contar as histórias de vida ligadas à extração de rochas nas maiores jazi-

das da América Latina. A reportagem também vasculhou relatórios ambientais, boletins de ocorrência policial, e foi a cartórios e escritórios locais do Ministério do Trabalho, de órgãos de fiscalização e dos sindicatos de trabalhadores, com a intenção de identificar os problemas que abrem caminho para as mortes. A GAZETA foi aonde o trabalho precário e clandestino ajuda a perpetuar as condições de pobreza e esgotamento ambiental nessas regiões, em áreas de difícil acesso, mas totalmente vigiadas, devido à concentração de riquezas minerais. Flagramos trabalhadores sem carteira assinada, equilibrando-se sobre ribanceiras sem utilizar qualquer equipamento de segurança. O espaço onde manuseiam explosivos caseiros, sem a autorização do Exército, é o mesmo onde preparam as refeições. Não há banheiro e as necessidades fisiológicas são feitas no meio do mato. Em muitos casos, o trabalho é degradante e insalubre, permeado por jornadas exaustivas, uso de ferramentas desgastadas e sem manutenção, falta qualificação para o manuseio de equipamentos e as instalações elétricas são improvisadas.

## RIQUEZA E POBREZA

Milhares de toneladas de rochas ornamentais cruzam o planeta todos os dias para abastecer mercados da Europa, China, Oriente Médio e, principalmente, Estados Unidos. O Espírito Santo detém o título de maior produtor brasileiro de rochas, daqui saem 80% das exportações, mas também é aqui onde mais se tem vítimas. Nas duas últimas décadas, foi registrada a morte de um trabalhador a cada 40 dias. São quase 100 vidas perdidas a cada 10 anos, de acordo com o Sindimármore. A entidade já denunciou a situação até na Organização das Nações Unidas (ONU).

Nas pedreiras, a sobrecarga de trabalho também é um problema. “Tinha que trabalhar aos sábados e domingos, sem folga, igual a uma máquina. Às vezes 16, 17 horas por dia. Tinha horário para entrar no trabalho, mas não tinha hora para sair. Chega uma



“Até hoje não me deram a justificativa da morte. Como mãe, eu tenho o direito de saber. Meu filho tinha só 18 anos e não recebeu treinamento para a função”

—  
**NEUSA NOBRE 46 ANOS**

“Logo ele, que trabalhava com mármore, iria ser enterrado em cova de terra. Aí a esposa cedeu o túmulo da família dela, e aceitei. Venho sempre aqui por causa da saudade. Não vai cicatrizar”

—  
ARLINDA DOS SANTOS MARIANO 70 ANOS



hora que o corpo nem a mente obedecem”, relata Elio dos Santos Batista, 43 anos, de Barra de São Francisco. Nessas condições, qualquer desatenção pode ser fatal. “Tomei um escorregão em cima da pedra e caí de uma altura de sete metros. Tive traumatismo craniano, fiquei em coma 12 dias, mais 18 dias na UTI. As sequelas são para o resto da vida. Perdi o equilíbrio do corpo, tenho dificuldade para falar e não consigo virar o pescoço”. O operário trabalhava na altura, manipulava explosivos com cordel e água. Hoje só tem 30% da capacidade de respiração, anda com dificuldade, sempre ofegante. Depois de 60 dias na cadeira de rodas, teve que reaprender a andar. Outros seis amigos dele sofreram acidentes graves, por queda. “As pessoas vão fazer bicos, não têm capacitação, por isso sofrem acidentes e morrem. Um irmão meu quebrou a coluna cervical, depois que caiu do caminhão desgovernado em uma pedreira, e também foi encostado”.

Devido à concentração de vilas e comunidades no entorno das pedreiras, é comum encontrar casas com mais de uma vítima na família. “Aqui todos têm um ente que morreu ou foi amputado em pedreira. Mas não tinha que ser assim. É a maior dor do mundo você ver seu filho sair para trabalhar e voltar morto em um caixão”, afirma a mãe de Delo. Depois que o filho morreu, Arlinda foi morar em outra cidade, para tentar diminuir a dor. Ficou fora dois anos, porque tudo na vila lembrava Delo, mas depois voltou para Itaoca, em Cachoeiro. “Mesmo longe da vila, a dor não passa um segundo do dia. Então decidi voltar e encarar. Tem uma camisa de trabalho dele que nunca lavei. Guardo do jeito que ele deixou, pois ainda tem o cheiro do seu suor”.

A família de Reginaldo também não conseguiu superar o baque do acidente. “Minha família ficou destruída. Eu também trabalhava com pedras, mas saí do emprego logo depois. Minha mãe não conseguiu superar”, conta o irmão, Eliezer Moura de Assis, 32 anos. Além da saudade, outro sentimento presente é o de revolta, principalmente porque a maior parte dos trabalhadores morre jovem, antes dos 36 anos, por causa de alguma irregularidade no ambiente de trabalho. Outra queixa constante é a falta de apoio da empresa, depois que o filho ou marido morre. Segundo a mãe de Adriano, Neusa Nobre de Souza, de 46 anos, a pressão por mais produção fazia com que o filho obedecesse os encarregados mesmo sabendo do risco. “Me dói muito saber que, no outro dia, a empresa voltou a funcionar normalmente, como se nada tivesse acontecido. Um operário como ele não era para ficar a menos de 30 metros de distância de uma máquina daquela. É um descaso com o ser humano”. Como punição pela morte de Adriano, a empresa firmou um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) se comprometendo a doar R\$ 35,4 mil a uma entidade local e a recolher R\$ 6 mil ao Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), além de dar treinamento aos funcionários e manter serviço de medicina e segurança do trabalho em suas instalações.

## 1602

### acidentes

Aconteceram em 5 anos. A maioria dos casos envolve amputações e mutilações.



**NO GAZETA ONLINE**  
Há três décadas, A GAZETA cobre acidentes em pedreiras. Veja nosso material especial e uma retrospectiva em vídeo.



**Alessandro chora a perda do colega Moisés, morto enquanto esta reportagem era produzida. A vítima tinha 36 anos e veio da Bahia. FOTO: PATRIK CAMPOREZ**



# TRABALHO DE RISCO UM ACIDENTE POR DIA

*ENQUANTO A REPORTAGEM ERA PRODUZIDA, DOIS OPERÁRIOS PERDERAM A VIDA NO ESTADO ATUANDO NO SETOR DE ROCHAS*

Um trabalhador é vítima de acidente a cada 24 horas nas pedreiras e marmorarias do Estado. Esmagamentos, choques elétricos e uso de explosivos caseiros estão entre as principais causas de mortes e amputações. Apenas em 2016 foram registrados 376 acidentes, segundo o Sindimármoro. Durante a apuração desta série de reportagens, iniciada em outubro passado, dois operários perderam a vida. A última tragédia aconteceu há uma semana. Jhoni Evangelista, de Vila Pavão, Norte capixaba, morreu numa explosão. E Moisés Bispo dos Santos morreu esmagado em uma marmoraria de Cachoeiro de Itapemirim, na semana em que a reportagem apurava acidentes ocorridos na região.

Fomos ao velório e descobrimos que Moisés havia saído de uma cidadezinha do interior da Bahia, em busca de emprego nas pedras do Sul do Estado. Vítima aos 36 anos, foi enterrado sem a presença de qualquer familiar ou amigo da cidade natal (Campo Formoso), que não foram localizados a tempo. O acidente aconteceu no fim do expediente, em 19 de novembro de 2016, um sábado, quando uma máquina de beneficiamento de pedras despenhou em cima do operário. No velório, vizinhos contaram que a carteira de trabalho dele era assinada como ajudante de

pedreiro, apesar de atuar como operário do mármore. “É um grande desastre, mas não é o primeiro. Aqui no cemitério tem um monte enterrado vítima de esmagamento de rocha”, lamenta o colega de bairro Alessandro, abraçado ao caixão. No Norte, o acidente que matou Jhoni Evangelista, no último domingo, 22, aconteceu em uma pedreira do distrito de Todos os Santos, em Barra de São Francisco, após a implosão de um bloco de granito. Há um mês, nossa equipe esteve na localidade para falar com as famílias de outras vítimas. Jhoni tinha 30 anos, deixa esposa e filho de 3 anos.

## VILAS E COMUNIDADES

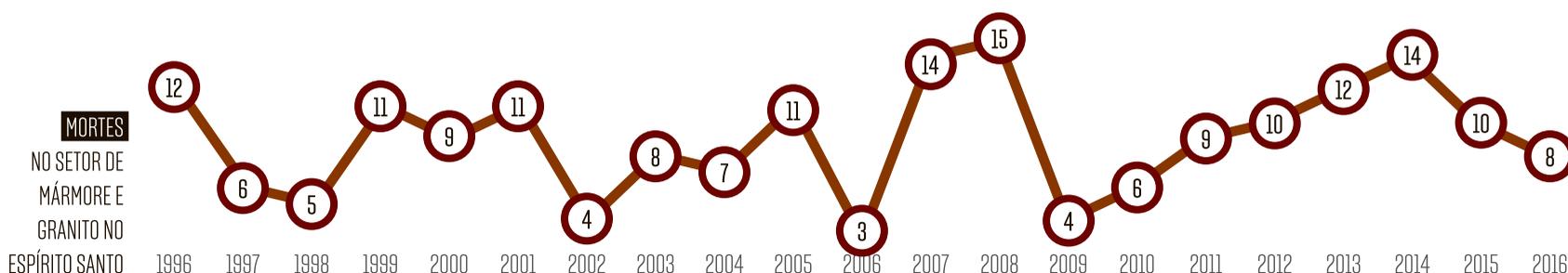
Cerca de 20 mil pessoas atuam no setor de rochas ornamentais capixaba. Nas vilas pobres que se formam no entorno das jazidas, trabalhadores que deram a vida pelo mármore são, por ironia do destino, enterrados em covas rasas, sem túmulo. “A maioria que trabalha em pedreira, principalmente, morre pobre. A riqueza das pedras não fica para a massa trabalhadora”, comenta o coveiro Leandro, de Muqui, apontando para o túmulo de outra vítima sepultada por ele. Em vilas como Itaoca Pedra, em Cachoeiro; Alto Gironda, em Vargem Alta; e Paulista, Barra de

São Francisco, é comum encontrar pessoas que ficaram sem dedos, pernas ou estão surdas. As jornadas de trabalho fazem os trabalhadores trocarem o dia pela noite. Histórias de explosões que causam mortes de trabalhadores, que caem de grandes alturas são contadas em cada esquina. Operários ficam cegos devido a faíscas de rochas que voam das explosões. Há também vários casos de ferimentos graves causados pelo rompimento de cabos de aço que não aguentam o excesso de peso e arrebentam. O velório, às vezes, não pode ser feito porque pouco restou do corpo. É comum também o relato de trabalho em local sem instalações sanitárias, vestiários, refeitórios ou água filtrada.

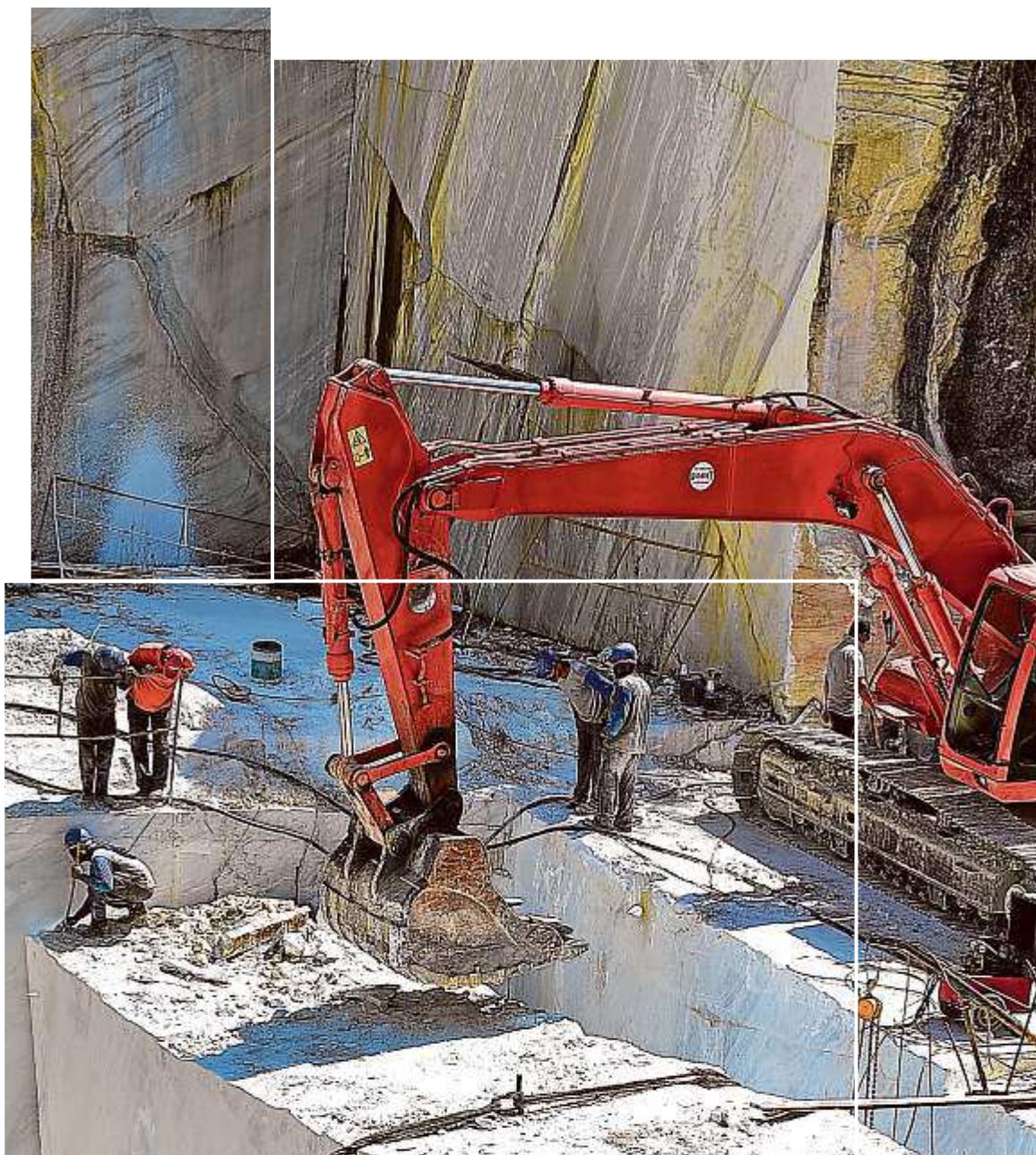
Segundo dados do Ministério Público do Trabalho (MPT), 60 empresas foram denunciadas em ações recentes e 48 estão relacionadas ao polo de extração de Cachoeiro de Itapemirim. Algumas ações analisadas pela reportagem dão a dimensão do problema. Entre os anos de 2009 e 2014, por exemplo, 28 trabalhadores foram vítimas apenas de acidentes com serra circular. O curioso é que, segundo os dados de Comunicações de Acidentes de Trabalho (CATs) entregues ao MPT, apenas um profissional exercia a função de carpinteiro. Ou seja, 27 vítimas se aciden-

taram exercendo a função de outro profissional. “Determinam que os empregados (polidores, serradores, operadores, auxiliares) executem esta tarefa perigosa sem qualquer preparo. Por isso, tem sido frequente acidentes com mutilação de membros”, diz a denúncia do MPT. A documentação ainda denuncia que serrarias e marmorarias do Espírito Santo têm montado serras circulares “quase sempre fora dos padrões impostos pela lei, com intuito de reduzir custos”.

Há outro problema grave. Segundo uma pesquisa do Centro de Saúde da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), 56% dos trabalhadores do setor de rochas fazem hora extra com frequência. O estudo foi feito com 187 operários que atuam na região de Itaoca. Como a demanda de serviço é grande, o trabalhador acaba sendo pressionado a fazer as horas extras mesmo sem querer, de acordo com o Sindimármoro. A pesquisa é de 2013, e revela ainda que metade dos trabalhadores das pedreiras já sofreram algum tipo de acidente. A maioria dos casos (39,5%) se caracteriza por cortes, principalmente de mãos, dedos e braços. Acidentes envolvendo mutilações por esmagamento (20,8%), fraturas (14,2%) e quedas (13,1%) também são frequentes.



**187**  
MORTES NO TOTAL



### IMPROVISAÇÃO

“Acidentes acontecem devido à improvisação e à falta de fiscalização, pois muitas empresas têm dificuldade de entender que é preciso investir na segurança do operário. Aqui no Estado, além dos acidentes de trabalho, que são muitos, tem ainda as doenças ocupacionais. O ruído excessivo, por exemplo, não provoca só surdez, leva a doenças somáticas. Sem contar que o atendimento de saúde oferecido aos doentes é mínimo. Ainda temos operários com silicose (provocada pela inalação de poeira de sílica da rocha) sendo tratados como tuberculosos.”

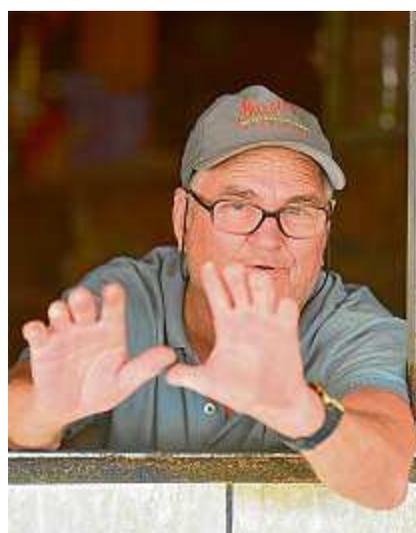
**ANTONIO CARLOS GARCIA**  
CHEFE DA FUNDACENTRO



### ALTO RISCO

“É um trabalho de alto risco, com elevado número de acidentes e gravidade acima do normal. Os esmagamentos deixam sequelas. Algumas empresas ainda lidam com explosivos e falta equipamento de proteção. As pedreiras ficam em regiões rurais afastadas. Muito trabalhador tem medo de denunciar, aí vem o assédio moral. A gente tem dificuldade até de conseguir provas. Nas inspeções, as pessoas largaram tudo e foram embora. Na última operação, usamos até helicóptero para conseguir deter o pessoal.”

**BRUNO BORGES DA FONSECA**  
PROCURADOR DO TRABALHO (MPT)



“ **BRAZ ZAMPIROLI,**  
68 anos

*Fui mexer num cabo de aço, ele soltou e me arrancou quatro dedos de uma só vez. Já faz 37 anos isso. Nunca consegui receber indenização ou qualquer direito trabalhista. Logo depois, eu saí do ramo, pois tudo era muito perigoso. Hoje, tomo conta de uma venda, mas ainda convivo com as histórias de mutilações e mortes porque onde moro (Alto Gironda) é cercado por pedreiras e empresas que exploram calcário. A gente sempre sabe de alguém que morreu ou sofreu acidente.”*



“ **NILDO TEIXEIRA,**  
Nildão, 48 anos

*Eu já tinha perdido dois amigos na pedreira onde eu trabalhava. Outros ficaram sem mãos e pernas. Eu mesmo já havia perdido dois dedos da mão esquerda ao acender a espoleta que detona os explosivos. Não tinha equipamentos de segurança. Dois anos após perder os dedos, tive outro acidente grave. Dessa vez, perdi a perna depois que a gente detonou um explosivo. A terra tremeu, uma rocha deslizou e me atingiu. Trabalhava como marteleteiro, que é arriscado.”*

À beira do abismo, trabalhadores se equilibram sem qualquer amarração em cima de bloco gigante prestes a tombar, em Alto Gironda, Vargem Alta. Região é marcada por acidentes com amputações e mortes





**Setor de rochas promove eventos por todo o Estado, com treinamento, qualificação e capacitação de profissionais.**

FOTO: SINDIROCHAS



# “NÃO DEVERIA HAVER MORTES”

## SETOR INVESTE EM SEGURANÇA PARA PRESERVAR VIDAS E DEFENDE PUNIÇÃO PARA IRREGULARIDADES

“Não há justificativa para a ocorrência de nenhuma morte decorrente de acidente em ambiente de trabalho. A vida é preciosa e única”, destaca o Sindicato da Indústria de Rochas Ornamentais, Cal e Calcários do Espírito Santo (Sindirochas). A entidade garante que houve avanços nos aspectos econômicos, sociais e ambientais, em decorrência dos vários investimentos feitos. Algumas unidades são consideradas de referência. “As empresas continuam investindo em tecnologias, processos, no ambiente de trabalho e em treinamentos, sempre com o objetivo de cuidar da segurança do trabalhador”.

No início década de 1990, o segmento tinha cerca de 450 empresas e 4 mil trabalhadores. A atividade cresceu, e, hoje, conta com 1,8 mil empresas e 20 mil empregos diretos. “É temerário comparar quantidade de acidente considerando esse lapso de tempo, ambientes diferentes e, principalmente, sem esclarecer que tipos de acidentes são esses, locais de ocorrência, sua gravidade e consequências”, diz o sindicato. A entidade argumenta que, entre 2010 e 2016, foi feito treinamento, qualificação e capacitação de 13.728 trabalhadores. “Eles estão treinados e as indústrias estão ambientalmente adequadas para o cumprimento dos diversos programas estabelecidos”. O presidente do Sindirochas, Tales Machado, faz questão de destacar que o sindicato é membro de comissões nacionais coordenadas pelo Ministério do Trabalho. Em 2000, foi criada a Subcomissão Permanente Nacional do Mármore e Granito, vinculada à Comissão Permanente Nacional de Mineração, cuja representação patronal é do Sindirochas,

que tem acompanhado “todas as reuniões ao longo desse tempo” e contribuído para a elaboração e revisão das normas regulamentadoras aplicáveis ao setor.

Quanto à questão ambiental, o setor afirma que não compactua com a exploração mineral e nem com qualquer atividade empresarial ligada ao setor que não seja sustentável e regular, em qualquer aspecto, econômico ou ambiental. “Alguns dos empreendimentos irregulares acontecem não pela má-fé desses empresários. A burocracia e a morosidade na resposta muitas vezes induzem à clandestinidade. Os órgãos não têm prazo estabelecido para resposta de andamento dos processos”, aponta. O setor ressalta que tem canal de diálogo “aberto e proativo” junto aos órgãos federais, estaduais e municipais de fiscalização e licenciamento ambiental. “Podemos citar como exemplo, a interação proativa com o Iema para normatizar as atividades de extração, beneficiamento de rochas e destinação de resíduos para que os investimentos ocorram com previsibilidade e atenda ao controle ambiental de fato”.

O Sindirochas diz que promove eventos por todo o Estado, levando informações e atualidades em matéria ambiental, no intuito de “conscientizar seus associados e a população em geral”.

Por fim, acrescenta que, nos últimos dez anos, “evolui de forma significativa no atendimento aos órgãos ambientais”, justamente em função de uma melhor regulamentação das atividades de extração de rochas, beneficiamento e gestão de resíduos. “Um bom exemplo foi em relação à questão das diversas associações que sur-

giram e que criaram aterros para a destinação final dos resíduos de beneficiamento”. O trabalho, segundo o Sindirochas, foi fruto de uma conjunção de esforços do setor com o Ministério Público Estadual, prefeituras e Iema. “O resultado foi a geração de empregos e uma gestão ambientalmente sustentável dos resíduos”. O Sindicato reconhece que “tem muito a avançar”, e garantiu que está atento a isso e que “não se omite em buscar alternativas para equacionar os problemas ambientais, começando pela conscientização dos empresários, mas sempre passando pela gestão pública eficiente da aplicação das grades de controle ambiental”.

**“Algumas empresas atuam de forma paralela e acabam prejudicando o setor. É um absurdo ainda ter morte. Não há justificativa para isso. Trabalhamos para o setor ter morte zero”**

**TALES MACHADO**  
PRESIDENTE DO SINDIROCHAS

### RIGOR

O Centro Brasileiro dos Exportadores de Rochas Ornamentais (Centrorochas), por nota, disse acreditar que as empresas que atuam na mineração em parceria com os sindicatos patronais buscam ações para reduzir os acidentes de trabalho no setor e cumprem a legislação vigente junto aos órgãos fiscalizadores e regulamentadores. “Temos consciência de que existem empresas que por dificuldades técnicas, operacionais ou por conduta, não cumprem estritamente os rigores da legislação vigente. Nestes casos defendemos rigor dos órgãos fiscalizadores e punição na medida. Dentro do seu propósito, o Centrorochas vem trabalhando junto ao governo federal para que o setor tenha mais transparência no processo de extração, beneficiamento e exportação das rochas brasileiras, sabendo da importância que essa atividade tem para a economia do Estado do Espírito Santo e do Brasil”.

Por nota, Sindicato do Comércio de Exportação e Importação do Espírito Santo (Sindiex) destacou que o setor é de “extrema importância” para as atividades de comércio exterior do Espírito Santo e do Brasil. Reforça que foi um dos poucos com desempenho positivo ou acima da média nos últimos dois anos, graças ao trabalho desenvolvido pelo empresariado na busca por novos mercados no cenário internacional. “Acreditamos que os sindicatos patronais e as empresas, em conjunto com o trabalhadores e órgãos regulamentadores/fiscalizadores, vêm buscando formas de reduzir os acidentes de trabalho assim como discutir melhorias na legislação para o processo de extração de materiais”.